

## **Mapas e crianças: brincando e descobrindo os lugares do Mundo.**

Nathália Cargnin Santos

### **RESUMO:**

Este trabalho é um relato da experiência como professora regente de uma turma da educação infantil, realizada no de 2017, com treze crianças, com idades entre dois a quatro anos, alunas de uma escola particular localizada na cidade de Porto Alegre. Meu objetivo principal foi analisar como as crianças registram/ narram o lugar em que residem e para isso, busquei analisar as suas conversas e registros gráficos, separando-os em três categorias de análise. Utilize-me de autores como Yi-Fu Tuan (2013), Aldo Fortunati (2014), Jader Lopes (2012), Fernanda Muller (2007), entre outros para maior aprofundamento teórico. Os resultados desse trabalho apontam para (1) as crianças trazem referências simbólicas, afetivas e subjetivas para falar do lugar em que vivem. (2) seus interesses e curiosidades perpassaram o mapa da nossa cidade e demonstraram desejo de conhecer outros lugares do continente. (3) elas buscaram identificar o espaço sideral e trouxeram seus entendimentos e concepções para compreender o universo. Buscou-se relatar a experiência desse trabalho com crianças pequenas, com intuito de destacar o quanto elas são protagonistas do seu crescimento, construir seus mapas e compartilhar suas ideias e percepções sobre o que lugar em vivem.

Palavras-chave: pesquisa com crianças – mapas – educação infantil – lugar – espaço

### **Introdução**

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. (Barros, 2003, s/p.).

O trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Educação Infantil tem como foco apresentar um relato da experiência como professora em uma turma de Maternal Multi-Idade, composta por com treze crianças com idades entre 2 a 4 anos, no ano de 2017 em uma escola particular localizada na cidade de Porto Alegre. Iniciamos o ano letivo acolhendo os novos alunos na escola e também, reencontrando algumas crianças que já eram daquela sala, pois estavam em seu segundo ano no maternal.

Gradativamente, fomos nos conhecendo e reconhecendo enquanto grupo - estabelecendo e fortalecendo vínculos entre crianças e educadoras. Nesse processo de adaptação, a contação de histórias passou a fazer parte de nossas tardes, despertando o interesse das crianças. Quando falo em histórias me remeto a Girardello (2012), quando afirma,

[...] as histórias permitem o exercício constante da imaginação, o voo para o mundo paralelo onde através do prazer poético as crianças estão na verdade “trabalhando”, ou seja, cumprindo sua tarefa fundamental de conhecer o mundo e de construírem a si mesmas (p.6).

Conhecer o mundo era tarefa constante das crianças, estavam sempre buscando pelos livros disponíveis na sala: especialmente a história da Chapeuzinho Vermelho, um Conto Clássico que perpassa gerações e que fascina crianças de todas as idades.

*Olha, um mapa!* – essa foi a exclamação das crianças ao verem um desenho no livro da Chapeuzinho Vermelho. Aquele pedaço de papel da personagem despertou o interesse das crianças e, buscando ajudá-la a escapar do Lobo Mau, surgiu a ideia de criarmos um novo mapa pois, assim, ela saberia em que lugar da floresta o lobo se esconde, e poderia chegar à casa de sua avó tranquilamente.

Durante a construção deste mapa, as crianças definiram que era preciso representar a estrada principal, as árvores da floresta e as três casas dos personagens (Lobo, Vovó e Chapeuzinho Vermelho). Depois de pronto, escrevemos uma carta e colocamos o mapa dentro do envelope, que seria enviado à Chapeuzinho, com o objetivo de ajudá-la a percorrer esse percurso de modo seguro. A partir de então, a curiosidade e o fascínio das crianças em torno das descobertas espaciais cresceu e, apoiando seu interesse, buscamos observar e registrar alguns lugares de referência da nossa escola, frequentados diariamente pelos pequenos, como o pátio grande de areia, assim como a rua em que cada um reside, a nossa cidade e dessa forma fomos brincando e explorando os mapas de outros lugares. Foi essa atividade imaginativa



Figura 1 - Mapa coletivo do caminho percorrido pela personagem Chapeuzinho Vermelho.

que nos possibilitou criar caminhos entre o sensível, o simbólico, onde as crianças expressavam ideias, sentimentos, davam significado e sentido aos caminhos a serem trilhados por lobos, vovós e crianças.

### **Crianças como protagonistas do seu desenvolvimento.**

Convivendo diariamente com crianças pequenas fui percebendo e aprendendo com essas o que é de fato ser “protagonista” do seu crescimento e desenvolvimento. Crianças são de fato protagonistas quando são escutadas e ouvidas em suas linguagens e modos de expressar seu entendimento do mundo; não menosprezadas pela pouca idade, mas respeitadas em suas opiniões, ideias e formas de compreender o mundo em que vivem. Sabemos que historicamente as crianças não eram entendidas como pessoas mas, após a invenção da infância como categoria geracional, passou-se a perceber as crianças na sociedade, dando-lhes um lugar de valor e compreendendo-as justamente pelas suas características que se diferenciam dos adultos, entendendo-as como seres dotados de ideias, concepções e entendimentos.

Para Dornelles (2012, p. 85), “a infância é entendida como um tempo geracional, um tempo de sentido, de acontecimento e de experiência, em que a criança tem suas particularidades em relação a esses tempos e seus contextos”. Atualmente, acredita-se que as crianças possuem um papel importante em nossa comunidade, e diversos autores trazem em suas pesquisas a criança como protagonista de seu crescimento e desenvolvimento, sendo “[...] sujeitos sociáveis e fortes, ativamente envolvidos na criação de experiências e na construção de sua identidade e conhecimento” (Fortunati, 2014, p. 42).

Entendendo-as a partir dessa concepção, acredito que para nós, adultos, ainda é preciso fazer um esforço diário para perceber o que elas tentam nos mostrar. Para isso, é preciso estar atento as diversas formas de comunicação/linguagens das crianças, para perceber o que elas evidenciam - que vão muito além da oralidade, manifestando muitas vezes através do toque, de olhares, de gestos, do seu silêncio, das suas expressões corporais e outras formas de linguagem que nos dão indícios do que elas buscam compartilhar.

Nesse sentido, tento sempre enquanto professora estar atenta às sutilezas presente em nossa rotina, buscando escutar as crianças, valorizando suas formas únicas e sensíveis de narrar o cotidiano, capazes de nos revelar as minúcias e os

detalhes do que estamos habituados a ver, mas não enxergamos. Nessa busca de “ajustar as minhas lentes” para tentar ver o inusitado que as crianças tentam nos mostrar, percebo que elas também “desejam adquirir conhecimentos, têm muita capacidade para a curiosidade e para maravilhar-se e anseiam por criar relacionamentos com outros e comunicar-se.” (Tiziana Filippini, 1999, p.124)

A partir desse entendimento, é possível compreender o quanto as crianças são curiosas e atentas. Era possível ver o quanto estavam envolvidos: tentando decifrar os mapas que encontravam em suas agendas, casas e em livros, demonstrando o quanto aquele tema passou a ser instigante para esse grupo. Algumas brincadeiras começaram a surgir durante nossas tardes, como “caça ao tesouro”, fazendo com que eles construíssem seus mapas e buscassem em imagens outros símbolos específicos para representar alguns lugares.

No decorrer desse trabalho, fui percebendo a diferença entre duas palavras muito utilizadas nesse contexto: lugar e espaço. Para isso busquei nos estudos da geografia mais informações para pensar melhor sobre esses dois conceitos. Dessa forma, compartilho da ideia do professor e geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan quando traz a ideia de que lugar é entendido como as relações afetivas que as pessoas estabelecem com o espaço (2013). O espaço pode ser entendido como extenso, grande, amplo, já o lugar é específico, e à medida que conhecemos e atribuímos valor afetivo, o espaço torna-se um lugar, podendo se transformar em um lugar de referência, de valor, de identificação, um lugar preciso: o meu lugar!

Essa conexão que estabelecemos com o lugar acontece pela convivência com pessoas que são nossas referências afetivas e, gradativamente, vamos nos sentindo seguros e envoltos nessa relação, reconhecendo os lugares que vivemos/frequentamos e demonstrando pertencimento. Como afirma Baptista,

[...] são as pessoas que enchem os espaços de odores, de sabores, de sons, de memórias, de sonhos, de amores e de desamores. Na multidimensionalidade dos seus atos de viver, as pessoas partilham alegrias, tristezas, razões, afetos e emoções, construindo assim lugares de pertença e de comunidade (2003, p. 33).

Pensando nessa relação das crianças com os lugares que são significativos para elas, intitulei esse trabalho como “Mapas e crianças: brincando e descobrindo os lugares do Mundo” e, a partir dele, elenquei, como problema de pesquisa a seguinte questão: Como as crianças pequenas nos contam sobre os lugares que habitam?

Com o intuito de problematizar e contribuir o relato de uma experiência sensível do grupo, estabeleci como objetivo principal analisar como as crianças registram/narram o lugar em que residem? De forma a provocar ainda mais meus questionamentos, hipóteses e entendimentos sobre o tema, tenho como objetivos específicos:

- I. Escutar as hipóteses das crianças sobre suas residências e outros lugares que conhecem.
- II. Analisar os registros gráficos das crianças, especialmente os “mapas” construídos por elas.

Para desenvolvê-lo utilizo-me, como aporte teórico, das contribuições trazidas por autores como Yi-Fu Tuan (2013), Silvio Chaigar, Marita Redin e Vânia Chaigar (2008), Aldo Fortunati (2014), Jader Lopes (2012) e Fernanda Muller (2007) entre outros, buscando, assim, qualificar as análises sobre a relação das crianças com os lugares que elas habitam.

### **Conhecendo nosso percurso...**

A coleta de dados foi realizada durante nossos encontros à tarde, no ano de 2017, e optei por utilizar as falas, os desenhos e registros das crianças, assim como as discussões que surgiram em grupo para tentar compreender de que forma elas contam sobre os lugares que habitam. Entendo que essa forma de fazer “pesquisa” busca respeitar e aprender com as crianças a partir de seus entendimentos, estranhamentos e hipóteses que fazem com possamos (re)pensar algumas das nossas pré-concepções e tentar perceber como esse grupo de crianças pensa sobre determinado assunto.

A partir da concepção de criança e infância, era necessário também escolher ferramentas capazes de auxiliar e registrar as manifestações dessas sobre a construção de mapas e dos lugares que elas habitam. Assim, busquei registrar suas falas durante as nossas “rodas de conversa” e utilizei seus registros gráficos e minhas observações diárias, fazendo esse entrelaçar com a intenção de investigar e compreender o que elas eram capazes de relevar a partir de suas múltiplas linguagens.

Dessa forma, trago as crianças como pesquisadoras, pois interagem, observam, dialogam, brincam e suas ações nos fazem perceber o quanto são capazes de serem protagonistas de suas histórias. Nossa tentativa enquanto adultos

é “reconhecê-las como sujeitos, ao invés de objetos de pesquisa, o que envolve aceitar que as crianças podem falar em seu próprio direito, que são capazes de descrever experiências válidas.” (Delgado e Muller, 2005, p. 172).

A partir desse trabalho, elenquei três categorias de análises dos dados, a fim de discutir como as crianças nos contam sobre os lugares que habitam e são elas: “O meu lugar!”, “Outros mapas... Outros lugares.” e “Quando o nosso Planeta é pequeno para tantos outros “espaços”!”.

### **O meu lugar!**

Percebendo o interesse das crianças a partir do mapa no livro da Chapeuzinho, levei mapas antigos e alguns alunos fizeram o mesmo para compartilhar com os colegas. Durante a exploração dessas imagens uma pergunta suscitou especial interesse: *Onde eu moro? Onde é a minha casa?*

Desde muito pequenos temos a necessidade de saber sobre nós; construímos diariamente referências espaciais, afetivas e simbólicas, que ajudam a nos localizar nesse espaço tão grande que vivemos. “É nesta perspectiva que conectamos à atividade imaginativa a capacidade de produção, que engloba as vertentes material e simbólica, fundamentais na constituição do ser humano” como ensina Girardello (2012, p.162). As perguntas iniciais feitas pelas crianças traduzem seu entendimento de pertencer a algo, e por isso elas têm necessidade de questionar e buscar seus pontos de referência, como sua casa, sua rua, sua escola...

Dessa forma, levei para a sala um mapa de Porto Alegre, a fim de observar e suscitar algumas possibilidades exploratórias por parte das crianças. O mapa gerou conversas sobre a rua de cada uma, as diferenças entre quem morava em casa ou apartamento, sobre as distâncias entre cada moradia até a nossa escola - bem como, sobre as características peculiares que eles identificavam em suas ruas.

Nessa exploração, identificamos cada moradia colando a foto das crianças no mapa e, assim, foi possível analisar quem morava mais perto da escola, quais colegas moravam mais próximos e até mesmo aqueles que moram no mesmo condomínio. As crianças também foram fazendo suas leituras sobre o mapa da cidade. Logo identificaram, através de símbolos, locais como o aeroporto, os estádios de futebol da dupla Grenal, questionaram o que era a rosa dos ventos, e foram estabelecendo relações afetivas, representativas e espaciais com aquele “grande desenho”.

Durante uma roda de conversa enquanto um grupo observava o mapa da nossa cidade, perguntei a elas:

P: *O que vocês acham que são mapas?*<sup>1</sup>

C: *É uma coisa que você precisa achar o tesouro!*

C: *É... É onde nós moramos!*

C: *Também serve para achar o caminho certo!*

C: *Para achar a nossa casa!*

C: *Às vezes encontramos as coisas certas no mapa!*

C: *No mapa também tem setas, desenhos, ruas e caminhos!*

C: *Olha... Todos os colegas e as profes estão no mapa de Porto Alegre!*

C: *Esse desenho é do Grêmio e esse é do Inter!*

C: *Tem um avião aqui... Olha lá em cima!*

Através das falas das crianças podemos observar seus entendimentos sobre o que é um mapa e as relações que elas fizeram com as brincadeiras imaginativas criadas para a caça ao tesouro, utilizando o jogo simbólico para “achar o tesouro” ou “achar o caminho certo” como na história da Chapeuzinho Vermelho. Suas falas também revelam a quantidade de símbolos que eles observaram nos mapas, fazendo leituras para decifrá-los como ao identificarem as imagens dos clubes Grêmio e Internacional, assim como o desenho do estádio, gerando muitas conversas sobre o time que cada um torce.

Com a ajuda da tecnologia, buscamos na *internet* a imagem da rua de cada criança e ali, elas puderam compartilhar com os colegas o local onde moravam. Convidei um grupo de cada vez para desenhar a sua rua e o que havia nela e assim, um menino lembrou-me que morava perto da escola, então enquanto desenhava contava-me:

C: *“Na minha rua tem a minha casa e o Totó, do lado da minha casa tem o Acesso das Violetas, o posto de gasolina, depois tem a faixa de segurança antes de chegar na nossa escola. É tudo bem pertinho!”*

Já uma menina foi traçando linhas compridas para representar sua rua, indicando que ela não era reta - *“tem uma curvinha”*-, assim fazendo em seu traçado. Ela desenhou seu prédio e, ao ser questionada sobre o que havia em sua rua, ela afirmou: *“Tem muitos gatos! Eu enxergava pela minha janela e eles ficavam na rua,*

---

<sup>1</sup> Utilizarei as siglas – P- para professora e – C- para criança.



*caminhando, e começavam a miar e não me deixavam dormir!”*

Intrigada com a sua resposta e com a quantidade de gatos em bairro central



Figura 2 – Desenho do mapa da sua rua.

da cidade, contei a sua mãe, que achou graça e, então, me explicou: “Quando nós saímos para caminhar pela nossa rua brincamos com ela de “caçar gatos”. Dessa forma, percebemos que essa criança traz para a “sua moradia” algo de significativo, uma

brincadeira muito especial, pois é vivenciada com seus pais, e é possível pensar que seu desenho representa justamente esse sentimento de afeto e pertença.

Nesse desenho também percebemos o boneco desenhado por uma menina de quatro anos, o que nos dá indícios de que não é possível pensar na sua rua, no seu apartamento, nos gatos sem a sua presença. Dessa forma, recordo-me de uma citação de Lopes (2012) quando afirma que, “a criança não está no espaço, não está no território, não está no lugar, não está na paisagem; ela é o espaço, ela é o território, ela é o lugar, é a paisagem, é uma unidade vivencial. (Lopes, 2012, p 221).

Ao escutar sobre essa brincadeira realizada ao passear na rua, fiquei pensando nos meus outros alunos e crianças que fazem cada vez menos (ou não realizam) passeios pelas ruas da sua cidade em função da violência e da insegurança, problemas que atingem as grandes cidades como a nossa e que também afeta a rotina das crianças. Reporto-me a Müller, quando explica que “a infância contemporânea também é vivida em outros espaços de lazer, para além dos parques, principalmente tendo o consumo como foco (MÜLLER, 2007, p.177). Por esse motivo, percebo que, atualmente, é mais comum escutar as crianças contarem sobre os passeios aos *shoppings* que realizam com suas famílias nos finais de semana, ao invés dos parques e lugares públicos do seu bairro. Em suas narrativas e desenhos percebo que “a criança urbana é uma das principais vítimas da segregação socioespacial”(LANSKY, 2014, p. 9).



Podemos fazer um pequena relação entre a escola de classe média que leciono - onde as crianças chegam, na grande maioria, em carros com seus pais ou babá -, enquanto muitas das crianças de periferia caminham até a escola, acompanhadas por seus irmãos, colegas mais velhos, mais novos e alguns adultos, fazendo boa parte do trajeto a pé para chegar a suas casas ou esperando o ônibus na parada. Como ex-moradora de um bairro periférico de Porto Alegre, eu percebia a interação entre crianças e o espaço durante a saída da escola: desviando de obstáculos nas calçadas, batendo corrida, rindo com seus amigos, conhecendo os pontos de referência da região; explorando as ruas, apropriando-se e demonstrando pertencimento e domínio daquele lugar em que vivem.

Nos últimos tempos, os estudos sobre as crianças e os espaços urbanos passaram a ter mais visibilidade, gerando discussões e projetos nacionais e internacionais, como o educador italiano Francesco Tonucci (1996), que desenvolveu o projeto *La città dei bambini* (A cidade das crianças), em Fano, na Itália, e que considerou os desejos e opiniões das crianças, incluindo-as nas decisões para transformar os espaços públicos da cidade. Acredito que seria muito importante se todas as cidades criassem uma rede de apoio formada por crianças, escolas, famílias e governantes para escutar o que as crianças têm a nos dizer sobre a cidade no intuito de criar espaços públicos adequados para descansar, brincar, conversar e conhecer outras pessoas. Também se faz necessário se ter mais segurança para que as famílias, independente de classe social, possam frequentar e ocupar locais públicos, pois é um direito garantido pela Constituição, portanto: um direito de todos.

Para contribuir como essa reflexão, trago a charge de Francesco Tonucci<sup>2</sup> em que mostra uma criança falando que a melhor escrita para a placa



<sup>2</sup> Acessado em 01/04/18 - <<https://urbanaarchitecture.com/2014/01/03/la-ciudad-es-de-los-ninos/>>

seria “Perigo: Automóveis”. Se pararmos para pensar, o que realmente é perigoso: as crianças ou os automóveis?

Uma cidade precisa ter vida e ser vivida ativamente pelos seus cidadãos, oferecendo-lhes espaços adequados e seguros para que as crianças e adultos possam ocupar, transitar e explorar, sem medo de sua cidade. Pensar o espaço da cidade, tal qual o espaço da escola, como nos ensina Fortunati (2014), “o espaço de relação e conexão que nós imaginamos é, ao contrário, dotado de uma identidade e uma articulação interna que, de um local para transitar, o transforma em um lugar para se viver plenamente” (p.49). Precisamos garantir o acesso das crianças em nossos espaços públicos, para que se constitua como um espaço de identidade onde se possa compartilhar experiências de si, do outro, com o outro, com o mundo. Entre si, como modo de conhecer as particularidades da sua rua, descobrir os caminhos e encantos da sua cidade, construindo com afeto o seu lugar de pertença.

### **Outros mapas... Outros lugares.**

São muitos os lugares que fazem parte do imaginário das crianças. Há lugares que conhecemos ainda bebês; alguns fazem parte do nosso cotidiano; outros desejamos visitar, e tem aqueles que conhecemos através de fotos, passeios, mapas, falas e percepções das outras pessoas. O interesse pelos mapas continuou instigando as crianças e outras hipóteses e questionamentos começaram a surgir entre elas, especialmente quando tentavam encontrar outros lugares nos mapas disponíveis na sala, como a Disney, o Ártico, o Japão, a Praia de Garopaba, Punta Del Leste, Gravatal e a Torre Eiffel.

Então, através de suas narrativas, observamos que seus interesses não estavam restritos à nossa cidade, pois elas falavam do “mundo inteiro”. Dessa forma, Porto Alegre era pequena para tantos lugares a serem explorados e, por isso, passamos a brincar com algumas imagens do Mapa Mundi, possibilitando muitas observações, análises e desenhos. Alguns questionamentos registrados no diário de campo, durante uma roda de conversa:

*C: A rua da escola é a Nunes Machado?*

*C: E a Disney, está nesse mapa?*

*C: Sabia que em cima do mundo tem o Ártico?*

*C: É um lugar bem frio que mora os pinguins, ursos polares e focas! Lá é branco porque é coberto de neve!*

*C: O mundo é bemmm grande!*

*C: Onde eu estou nesse mapa?*

As explorações, brincadeiras e conversas sobre os mapas demonstram o quanto as crianças estão atentas e trazem de forma única seus entendimentos espaciais e simbólicos, bem como “[...], as suas lógicas próprias presentes nos diferentes momentos de seu desenvolvimento” (LOPES, 2012, p.222). Assim, para representar os lugares citados pelas crianças, surgiu a ideia de criarmos nosso próprio Globo tridimensional e, para essa construção, contamos com a ajuda do setor da manutenção da escola, que preparou uma grande estrutura para nossa invenção.

Cada grupo de crianças construiria um lugar que lhe era significativo para compor o nosso Globo e, nessa elaboração, outros lugares logo foram lembrados pelo grupo, como a “porta verde”, um espaço importante para as crianças, carregado de valor afetivo e que representa a identidade desse grupo, pois é a cor da nossa porta na escola. Os oceanos também foram lembrados, mas as crianças chamaram-no de “Rio Guaíba”, fazendo relação com o mapa de Porto Alegre, pois identificaram a cor azul presente naquele mapa e associaram ao azul do Mapa Mundi, demonstrando o quanto os significados simbólicos são construções subjetivas, com sentido para cada criança e compartilhados entre elas.



Figura 3 - Globo Tridimensional construído pelas crianças.

Para compor os oceanos, um grupo de crianças desenhou sereias, relatando-me o que sabem sobre essa personagem:

*C: Elas moram no fundo do mar, bem no fundão!*

*C: Elas também têm cauda porque não conseguem andar fora do mar, só se arrastando e no mar, ela nada!*

*C: Mas elas existem?*

*C: Existe sereia de verdade na Disney! É longe, tem que ir de avião! A gente chega lá na cidade e vê a*

*ponta do castelo e também plantas verdinhas e boneco de grama!*

Dessa forma, as crianças trouxeram suas referências simbólicas, como ao desenhar as sereias fazendo também referência ao castelo da Disney, uma arquitetura que se inspirou no castelo de *Neuschwanstein*, palácio alemão construído na segunda metade do século XIX, um local conhecido “virtualmente” pelas crianças, ou melhor, uma marca reconhecida internacionalmente através dos desenhos e propagandas que circulam na TV, *tablet*, celular - e que também estão inseridas no cotidiano infantil, estampando roupas, materiais escolares, produtos de higiene, além dos brinquedos. Por esse motivo, muitas crianças desejam conhecer o parque temático da Disney, pois além do castelo da Cinderela, ele “abriga” diversos personagens conhecidos, transformando toda a magia vista através das “telas” em realidade, encantando tanto crianças quanto adultos nessa “terra dos sonhos”. Narrativas que traziam o tempo inteiro, “o exercício constante da imaginação, o voo para o mundo paralelo onde através do prazer poético as crianças estão na verdade “trabalhando”, ou seja, cumprindo sua tarefa fundamental de conhecer o mundo e de construir a si mesmas” (GIRARDELLO, p.164).

Narrada pelas crianças, a sereia tem origem na mitologia grega, sendo uma personagem que possui a metade de seu corpo na forma humana e a outra metade peixe, capaz de atrair e encantar com seu canto. No entanto, as alunas acreditam na existência das sereias no parque temático da Disney, afirmando que já viram em fotos e em propagandas elas nadando com os golfinhos, demonstrando muita admiração e fazendo dessa personagem uma referência de beleza e “poder”. Observando suas falas e suas brincadeiras cotidianas, percebo o quanto as crianças constroem conhecimentos e opiniões a partir do universo em que estão inseridas, produzindo cultura a todo o instante, demonstrando o quanto estão atentas ao seu entorno e, desde cedo muito cedo, são capazes de formular e expressar suas teorias e opiniões sobre o que vivenciam. Como aponta Barbosa (2007, p. 1069),

[...] As crianças se misturam, assimilam e produzem culturas que provêm da socialização tanto da cultura dos videogames, das princesas, das redes, dos CDs, como também da cultura dos amigos, do futebol, dos laços de afeto, da vida em grupo na escola e na família, tudo em um mesmo espaço e tempo social e pessoal [...].

Sabemos que a mídia e os meios eletrônicos estão cada vez mais atentos ao público infantil, pois sabem do seu potencial e a influência de compra perante suas famílias, e por isso, investem nesse público como “grandes consumidores”. A marca

criada por Walt Disney é tão famosa que faz parte dos sonhos das crianças, como da minha aluna, que aos quatro anos de idade contou-me: “*Sabia que eu tenho três sonhos? Ter um cachorro, ter uma irmã e ir à Disney!*”. Essas narrativas das crianças me remetem para o que Giroux nos alerta, quando nos fala sobre os filmes da Disney “[...] descobri que para meus filhos, e suspeito que para muitos outros, esses filmes parecem ao menos inspirar a autoridade e a legitimidade culturais para ensinar papéis, valores e ideias específicas, tanto quanto o fazem os locais mais tradicionais de ensino, como as escolas públicas, instituições religiosas e famílias” (GIROUX, 2001, p.89). Dessa forma, podemos entender porque as crianças pediram para localizar a *Disneyland* no Globo, pois é um lugar que faz parte do imaginário infantil, tornando-se importante e possuindo “valor” para esse grupo.

A escolha e desejo de localização das crianças é importante de ser observado, pois além da orientação geográfica, elas nos revelam o que e quem elas admiram, suas referências e personagens desejados, e assim, vão construindo seus entendimentos sobre diversos assuntos, bem como constituindo-se como um tipo de sujeito e não outro. Nesse sentido, os personagens, especialmente as “Princesas Disney” trazem referências estéticas específicas, “modelos” a serem seguidos e consumidos pelo público alvo, contribuindo para a construção de conceitos especialmente de beleza e modos de ser “menino e menina”. No campo da educação, há inúmeras pesquisas e trabalhos publicados que tratam sobre esse tema, mas meu objetivo principal é refletir como as escolhas das crianças são carregadas de sentido, concepções e entendimentos, demonstrando como estão atentas as propagandas, desenhos e filmes, contribuindo intensamente na produção da cultura infantil.

Além da Disney, outros lugares também foram citados pelas crianças, como o Ártico, o Japão e a Torre Eiffel, que trouxeram informações a partir da tecnologia, relatando que buscam no “Google”, através do celular de seus pais, mais informações sobre o que desejam. Reporto-me a Chaigar, Redin e Chaigar (2008), quando afirmam que:

As crianças que estão nascendo no início do século XXI, certamente nascem numa cultura com mais/outros espaços para serem descobertos, explorados e apreendidos, da mesma forma que são também constituídas por estas novas possibilidades. O espaço virtual é, hoje, um espaço real para os jovens navegadores dessas novas viagens. (CHAIGAR, REDIN E CHAIGAR, 2008, p. 920)



Atualmente, o acesso à informação ocorre quase que de forma “instantânea”, as informações e notícias circulam e estão disponíveis para serem lidas, ouvidas, vistas e quase “vivas” com a ajuda da tecnologia. Além da escolha e pesquisa dos lugares citados anteriormente, as crianças também lembraram alguns outros, como a Praia de Garopaba (SC), Punta Del Leste (URU) e Gravatal (SC), lembrados por alguns pequenos que visitaram esses destinos com seus familiares durante as férias escolares. Por serem lugares localizados ao redor do nosso estado, acredito que o acesso físico e a questão financeira torna-se um pouco mais acessível para essas famílias, possibilitando às crianças novas e ricas experiências sociais, culturais e afetivas.

Entendo que a curiosidade aliada à tecnologia pode ampliar e oferecer às crianças a oportunidade de conhecer lugares distantes ou pouco acessíveis, assim como as viagens e passeios que realizam por outras cidades, estados e países faz com que elas descubram novas culturas e vivam as experiências de um novo espaço geográfico, podendo transformá-lo em um lugar afetivo, repleto de memórias, histórias e boas recordações.

### **Quando o nosso Planeta é pequeno para tantos outros “espaços”**

Depois de construirmos o nosso Globo Tridimensional e pesquisarmos alguns lugares selecionados pelas crianças, iniciamos outra viagem, pegamos como diz a música “carona nessa cauda do cometa” agora, rumo ao espaço sideral que surgiu a partir de um questionamento traduzido por elas: *onde está o Sol aqui no nosso Globo?* Logo, muitas hipóteses apareceram nas falas das crianças que, assim como nós, buscam compreender os planetas, a Lua, o Sol, as estrelas e todo o universo.

Alguns registros das hipóteses expressas pelas crianças durante nossas rodas de conversas:

*C: O Sol está fora da Terra!*

*C: O Planeta fica dentro da escuridão!*

*C: A escuridão é o espaço!*

*C: O mundo gira um pouquinho devagarzinho!*

*C: Sabia que a Lua tem buracos?*

*C: Precisamos pegar um foguete para ir à Lua!*

*C: Quando caminhamos na Lua ficamos de cabeça para baixo!*

*C: Quando vem a Lua, chega a noite!*



C: *A Lua mora dentro do Sol?*

C: *Não, ela mora no espaço sideral!*

C: *O Sol mora na casa dele e a Lua, na casa dela!*

A partir de nossos diálogos e das experiências que fomos desenvolvendo em grupo, construímos um ambiente de pesquisa, no qual buscamos mais informações através de livros, imagens e notícias sobre o assunto. Assim, foi possível retomar as hipóteses iniciais das crianças e seus primeiros entendimentos em relação à complexidade do mundo e do universo. Dessa forma, entendo que

A curiosidade da criança é o caminho de iniciação à investigação científica, daí o respeito e a atitude atenciosa do professor na escuta sensível dessa fase exploratória do mundo externo [...] A escola na verdade, deveria ser lugar das perguntas, das indagações, a porta aberta ao mundo que quer ser conhecido. Essa é a grande viagem em que o professor e aluno se unem na vontade comum de explorar mundos desconhecidos (PEREIRA, 2013, p. 150).

Ser professora de crianças pequenas é um desafio constante, é estar atento as suas formas de comunicação e expressão, seus jogos, suas narrativas, sua imaginação, seu faz-de-conta. É lidar com o inusitado, é entender que elas possuem uma capacidade incrível para construir hipóteses, é aprender que com elas o “percurso” é repleto de curiosidade, magia e diversão. Nossas pesquisas sobre o espaço sideral é um exemplo, construído a partir de uma pergunta e colocado em discussão pelas crianças, pois, após brincarmos com tantos mapas, era preciso descobrir “onde o sol estava”, assim como todo o universo.

Observando o nosso grande Globo, uma criança relatou: *“Se a Terra está aqui, então toda a nossa sala é o espaço!”*, assim, através da escuta dos interesses das crianças e a partir de nossa intencionalidade pedagógica, surgiu a ideia de construirmos o nosso espaço sideral. Para isso, os diversos materiais de apoio foram essenciais nessa exploração, possibilitando a ampliação do contexto investigativo através de construções bi e tridimensionais, experimentos, vídeos, histórias infantis e brincadeiras.

Alguns itens foram muito lembrados pelas crianças ao anotarmos em conjunto o que deveria conter no nosso espaço como: brilhos, Lua, Sol, Saturno, cometa, estrelas, astronauta, espaçonave e foguete. A partir de seu interesse e desejo, cada criança optou por pesquisar e confeccionar um elemento e se dividiram em pequenos grupos. Para essas construções, pedimos às famílias que enviassem sucatas e, dessa forma, cada grupo escolheu, dentre as diversas possibilidades de tamanhos, formatos, texturas, cores e outros atributos, os materiais que mais se adequavam às suas ideias.

Para contribuir e provocar ainda mais discussões entre as crianças, assistimos a um vídeo em que mostra o cotidiano de uma astronauta dentro de um ônibus espacial, dessa forma, destaco algumas de suas curiosidades e hipóteses:

C: Os astronautas conseguem plantar bananeira?

C: Os astronautas conseguem flutuar em outros planetas?

C: O Sol é um planeta?

C: Eles conseguem comer banana e plantar uma árvore?

C: Eu acho que para comer maçã eles penduram numa cordinha para não voar!

C: Será que eles comem *catshup* e mostarda?

C: Como eles lavam as mãos?

C: Lá tem pracinha e pista de skate?

C: Será que eles dormem em pé?

P: Em que lugar eles fazem xixi e cocô?

C: No vaso!

C: Mas lá tudo fica girando, o vaso também!

C: Não! A descarga não voa porque é segura!

C: E se o astronauta fizer cocô na cama?



Figura 4 - Foguete e o espaço sideral construído pelas crianças na nossa sala.

C: Tem que pedir para a mamãe passar água na cama, para limpar o cocô!

C: Só colocar na máquina de lavar roupa!

P: Mas como eles tomam banho?

C: Na chuva, porque fica de noite e chove!

C: Precisa de um brinquedo para levar para o banho!

C: Eles podem ter um galão e aí, tomar banho com essa água!

Podemos observar que as respostas e ideias das crianças estão relacionadas as suas experiências cotidianas, juntamente com ideias fantásticas para resolver o problema da “gravidade”, por exemplo, como no caso da “maçã suspensa por uma corda” e “se os astronautas dormem em pé”. Além disso, o grupo ficou intrigado com o lugar que os astronautas poderiam fazer “seu cocô”, ainda mais se ele “fizer cocô na cama”, que foi trazido por uma menina que estava vivenciando o desfralde e que buscava compreender esse processo. Sua pergunta foi logo respondida de uma forma simples e cheia de significado: “chamar a mamãe para limpar”, e dessa forma, elas evidenciam o quanto esse processo é um desafio e que os pais são essenciais para oferecer segurança e apoio nessa fase do desenvolvimento infantil.

Outros temas que mobilizou o grupo foi o banho, a alimentação e o espaço de lazer dos astronautas, na qual suas respostas revelam suas concepções, gostos e entendimentos e percebemos as tentativas das crianças de compreender esse lugar, trazendo referências importantes de seu cotidiano como o brinquedo para o banho ou ainda se existe pracinha e pista de skate. Dessa forma, percebi que para elas esse assunto era repleto de mistérios e encantos, na qual suas respostas eram confrontadas entre seus colegas e, juntos, buscavam soluções simbólicas e criativas para o cotidiano dos astronautas no espaço sideral. Recordo-me de Malaguzzi “elas possuem o privilégio de não estarem excessivamente vinculadas às suas próprias ideias, que constroem e reinventam continuamente. Elas estão aptas a explorar, fazer descobertas, mudar seus pontos-de-vista e apaixonar-se por formas e significados que se transformam (1999, p.86)”.

Entendo que planejar para com as crianças, ainda mais as pequenas, é oferecer possibilidades, ampliar seus repertórios, colocar em cheque suas teorias, é acreditar nas suas potencialidades, é ter um planejamento que esteja preparado para o inusitado, que possa percorrer outros caminhos não trilhados, capaz de embarcar em “outras viagens sem um destino único”, é aprender com suas perguntas e respostas, é poder acompanhar e contribuir com o desenvolvimento de

cada criança e, especialmente, vê-las felizes ao lado de seus amigos e professoras. Viver com intensidade o cotidiano das crianças na escola de educação infantil,

### **Considerações finais**

Esse artigo buscou compartilhar um pouco da experiência como professora de uma turma de Maternal Multi-Idade durante o ano de 2017 e, nessa última parte do relato, retomo meu objetivo principal que foi o de analisar “como as crianças registram/narram o lugar em que residem?” Para isso, utilizei-me de seus registros gráficos e de suas falas, e depois de coletar os dados, optei por dividi-los em três categorias de análise, buscando analisar e compreender o que as crianças me diziam sobre os lugares que habitam.

Para enriquecer as minhas análises busquei em autores subsídios para falar qual a minha concepção sobre criança, buscando trazê-la como uma protagonista ativa de seu crescimento e desenvolvimento, ao mesmo tempo em que indiquei o quanto é preciso estar atenta para poder perceber as múltiplas formas de linguagens das crianças, pois suas formas de comunicação são diversas, indo muito além da oralidade. Ainda assim, entendo que sou um adulto imersa num contexto infantil e minha tentativa foi justamente respeitar suas ideias para tentar compreender como esse grupo de crianças compreendem, nesse momento, os lugares que habitam, sem acreditar que seus entendimentos são únicos e verdadeiros, e sim, que são entendidos daquela forma por aquele grupo específico do Maternal Multi-Idade.

O envolvimento das crianças com os mapas teve início durante o período de adaptação a partir da contação da história da Chapeuzinho Vermelho e, então, essas foram observando os espaços da nossa escola e a rua onde moram, ambos lugares de referência para os pequenos. Busquei nas minúcias trazidas pela geografia referências conceituais para entender “espaço e lugar”, pois muitas vezes são palavras usadas como sinônimo, mas que possuem significados diferentes a partir dos estudos do autor Yi-Tu Tuan, concordo com sua ideia que descreve espaço como algo amplo e lugar como algo específico e que o primeiro pode ser transformado em lugar a medida que lhe é atribuído valor.

Na primeira análise, intitulada de “O meu lugar!”, busco as falas e o desenho de uma menina para analisar como a residência é um lugar que representa a identidade geográfica e afetiva das crianças, pois é onde elas possuem segurança e afeto. Ao mesmo tempo, questiono a circulação e apropriação das crianças nas ruas

da nossa cidade, analisando os espaços que a infância contemporânea tem mais acesso, como os *shoppings centers* e fazendo uma relação entre dois públicos, os alunos da escola particular e da escola da periferia, e a diferença dos seus percursos entre casa e escola. Questiono também o quanto seria importante escutar as ideias das crianças para construirmos uma cidade mais acessível, segura e com mais espaços públicos de qualidade, para vivermos e ocuparmos a nossa cidade.

Em “*Outros mapas...Outros lugares*” trouxe as indagações das crianças que tentavam procurar no mapa de Porto Alegre outros lugares que conheciam ou gostaria de conhecer, dessa forma, tentei analisar suas escolhas, especialmente do parque temático da Disney, que é o “sonho de consumo” de muitas crianças, como afirmou uma menina. Na última categoria, “Quando o nosso Planeta é pequeno para tantos outros “espaços”, analisei como a pesquisa foi se ampliando a partir do interesse e curiosidade das crianças, pois os mapas já não eram suficientes para abrigar o “espaço sideral”. Também destaquei suas falas e ideias sobre o universo, demonstrando o quanto é importante ter um planejamento pedagógico que seja flexível e se ajuste as necessidades que vão surgindo quando trabalhamos com as crianças.



Figura 5 - Crianças observando o Globo Terrestre.

Acredito que esse relato buscou dividir essa experiência: uma pesquisa iniciada pela curiosidade a partir dos mapas que iniciou no período de adaptação e que foi se ampliando a partir de seus interesses, e juntos, fomos construindo um percurso repleto de brincadeiras, histórias, construções,

diálogos e ricas experiências. Dessa forma, meu trabalho se coloca na

tentativa de pensarmos nos lugares que as crianças habitam e aquele diversos outros que elas nos contam, e o quanto eles estão carregados de concepções e valores, traduzidos pelas crianças a partir de suas falas e desenhos.

Acredito que falar de lugar é muito particular, pois é uma construção afetiva e também subjetiva, repleto de significado e que ajuda a nos localizarmos nesse

“espaço tão grande”, como a nossa casa, a nossa escola, a nossa porta da sala de aula, pois é o nosso lugar de referência. Descobri como Barros, citado na paráfrase deste texto que as crianças, muito rapidamente se dão conta, que o quintal onde brincam é maior do que a cidade, chegava até ter “o tamanho do universo”. Mas que tamanho das coisas foi medido por elas, pelo tamanho do valor que cada uma tinha com as coisas apontadas ao longo de nossa busca por conhecer lugares. Meu desejo é continuar trilhando novos caminhos ao lado das crianças, auxiliando-as nessas viagens, acreditando e respeitando suas trajetórias, para que assim, possa aprender com seus jeitos únicos de ver e viver a vida. Proust, citado por Parrini (2014), já dizia que “a única verdadeira viagem [...] seria não ir para novas paisagens, mas ter novos olhos, ver o universo através dos olhos do outro, de uma centena de outros, ver os cem universos que cada um vê, que cada um de nós é”. Quem sabe as crianças não nos ajudem a “descobrir” e conhecer lugares já descobertos?!

#### Referências

BAPTISTA, Isabel. Da cidade educativa a uma cidade educadora: o lugar da escola. *Jornal A Página da Educação*, ano 12, n. 128, nov. 2003, p. 33. [on line] Disponível: <<http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=128&doc=9741&mid=2>> Acesso: 01/03/2018

BARBOSA, Maria Carmen S. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. *Revista Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100. Especial, p. 1059-1083, out. 2007.

BARROS, Manoel. Memórias inventadas - As infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editorial Planeta, 2003.

CHAIGAR, Silvio F. S.; REDIN, Marita M.; CHAIGAR, Vânia A. M. *Espaços-lugares-ambientes: a cidade como palco para ensinar-aprender*. In: I Encontro Internacional de Ciências Sociais/ III Encontro de Ciências Sociais do Sul. Pelotas/RS – UFPel, 2008, p.917-926.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. *Em busca de metodologias investigativas com crianças e suas culturas*. Cadernos de Pesquisa, maio/ago. 2005, v. 35, n. 135, p.161-179.

DORNELLES, Leni Vieira; FERNANDES, Natalia. *Perspectivas sociológicas e educacionais em estudos da criança: as marcas das dialogicidades luso-brasileiras*.



Braga, Portugal: Centro de Investigação em Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2012.

FILIPPINI, Tiziana. O papel do pedagogo. In: EDWARDS, Carolyn, GANDINI, Lella, FORMAN, George. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. p. 123-127.

FORTUNATI, Aldo. *A abordagem de San Miniato para a educação das crianças: protagonismo das crianças, participação das famílias e responsabilidade da comunidade por um currículo do possível*. Firenze: Edizioni ETS, 2014.

Girardello, Gilka (at.al). Arte, imaginação e mídias na educação infantil. In: Educação infantil e formação de professores/Dalânea Cristina Flôr, Zenilde Durli, organizadoras. – Florianópolis. Ed. da UFSC, 2012, p.159-177.

Giroux, Henry. Os filmes da Disney são bons para seus filhos? In: STEINBERG, s. kincheloe, J. *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

LANSKY, Samy. Segregação e encontro entre a escola e a casa. *Revista Pátio*, Porto Alegre, Grupo A, Ano XII, n. 40, jul./set., 2014.

LOPES, Jader Janer M. *Mapa dos cheiros: cartografia com crianças pequenas*. Revista Geografares, n. 12, p.211-227, jul., 2012.

MALAGUZZI, Loris. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn, GANDINI, Lella, FORMAN, George. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. p. 59-104.

MÜLLER, Fernanda. Retratos da Infância na Cidade de Porto Alegre. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

PARRINI, Chiara. Reconhecer a identidade para acolher a diversidade. In: *A abordagem de San Miniato para a educação das crianças: protagonismo das crianças, participação das famílias e responsabilidade da comunidade por um currículo do possível*. Firenze: Edizioni ETS, 2014. p.79-89.

PEREIRA, Maria Amélia P. Casa redonda: uma experiência em educação. São Paulo: Editora Livre, 2013.

TONUCCI, Francesco. *La ciudad de lós niños: um modo nuevo de pensar la ciudad*. Buenos Aires, Losada: UNICEF, 1996.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2013.